

Memórias de uma diáspora: relatos de refugiados da Segunda Guerra Mundial¹

Marcos Nestor Stein*

Resumo: O texto apresenta análise de entrevistas de refugiados da Segunda Guerra Mundial - identificados como suábios do Danúbio - publicadas em jornal e revista da colônia Entre Rios, situada no Centro-Sul do Paraná. O foco central são as formas de enquadramento de memórias individuais, realizadas pelos editores dos periódicos e a construção de uma memória coletiva para a colônia.

Palavras-chave: Suábios do Danúbio, Memória, Colônia Entre Rios.

Abstract: The present text shows the analyses of interviews of the refugees from the Second World War, identified as Swabians of Danube. These interviews were published in the newspaper and magazine of the Colony Entre Rios, in the Centre South of the State of Parana. The analysis focus is the evenness of individual memories made by the newspaper editors. Thus this way is created the collective memory of the Colony.

Keywords: Swabians of Danube, Memory, Entre Rios Colony.

Após o final da Segunda Guerra Mundial, o Brasil tornou-se um dos destinos de refugiados oriundos de diversas partes do continente europeu. Uma parte desse contingente de refugiados era composta pelo grupo denominado suábios do Danúbio.² Trata-se de um grupo formado por descendentes de imigrantes alemães que, a partir de 1944, com o avanço do exército soviético, deixou países como a Hungria, a ex-Iugoslávia e Romênia e passou a viver em campos de refugiados na Áustria.

Por meio de instituições de ajuda humanitária, principalmente a "Ajuda Suíça à Europa" (*Schweizer Europahilfe*), cerca de 2.500 membros deste grupo foram trazidos para o Brasil. Após negociações com os governos brasileiro e paranaense, o grupo - sob a liderança do engenheiro agrônomo iugoslavo Michael Moor - se fixou no município de Guarapuava, onde foi formada, em 1951, a colônia Entre Rios, constituída por cinco vilas: Vitória, Cachoeira, Jordãozinho e Samambaia.

A partir da segunda metade da década de 1960, verifica-se o acentuado desenvolvimento econômico da colônia, o qual é atribuído à ascensão de Mathias Leh na direção da cooperativa da colônia - a Cooperativa Agrária Ltda. Além da reorganização da cooperativa, Leh encampou e apoiou projetos que visavam, a partir da produção de narrativas sobre a história da colônia e dos suábios, "reviver e manter" determinada identificação étnica do grupo: a de serem suábios do Danúbio. Nesse sentido, Leh apoiou ações como a elaboração de dois livros sobre a colônia, a criação de um museu - Museu Histórico de Entre Rios - e a publicação do *Jornal de Entre Rios*.

Neste jornal, temos um exemplo da forma utilizada para dar unidade e coerência às narrativas individuais sobre o passado, constituindo assim, uma determinada memória coletiva para o grupo. Trata-se da publicação da série de entrevistas intitulada "*Um Povo Luta pelo seu Futuro*" (*Ein Volk kämpft um seine Zukunft*). Publicada em 1994, a série é constituída por entrevistas de refugiados suábios, as quais foram coletadas inicialmente por Jakob Lichtenberger no final da década de 1970, posteriormente pelo geógrafo Josef Gappamier³ e pelas funcionárias do museu da colônia.

A série é constituída pela transcrição de 18 relatos de imigrantes, totalizando 21 números do jornal. Um aspecto que chama a atenção é o fato de as entrevistas, com apenas uma exceção, serem transcritas em dialeto suábio.⁴ São precedidas por explicações acerca da data, local de gravação, quem as conduziu e a indicação de que se encontram na íntegra, gravadas em fitas magnéticas, no acervo do museu da colônia e, principalmente, um breve comentário sobre as lições que o leitor deve extrair dos relatos.

¹ O presente texto é parte integrante de minha tese de doutorado, orientada pelo Prof. Dr. João Klug. STEIN, Marcos N. *O Oitavo Dia: produção de sentidos identitários na Colônia Entre Rios-PR (segunda metade do século XX)*. Tese (Doutorado em História) Florianópolis: UFSC, 2008.

* Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor do Curso de História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail mancha36@hotmail.com

² Os antepassados dos suábios são oriundos de diferentes partes do atual território alemão, os quais, após a expulsão dos turcos da região do Danúbio Central (século XVIII), ocuparam essa área, que no século XIX passou a fazer parte do Império Austro-húngaro. Para mais informações sobre a história dos suábios ver: ELFES, Albert. *Suábios no Paraná*. Curitiba: [s.n], 1971. SENZ, Josef. V. *Geschichte der Donauschwaben*. München/Sindelfingen: Verlag des Donauschwaben Kulturstiftung, 1990.

³ Jakob Filip Lichtenberger nasceu em 1909, em Neu Pasau (Pasova), Croácia. Estudou Ciências Sociais (*Gesellschaftswissenschaften*) em Bonn, Freiburg e Belgrado. Na Iugoslávia, engajou-se na luta em prol das minorias alemãs, especialmente entre os jovens. Durante a Segunda Guerra Mundial, liderou uma milícia (*Einsatzstaffel*) que combateu os *Partisanen*. Ao final da Guerra, juntamente com a família, deixou a Croácia, indo viver na Áustria e depois na Alemanha, onde trabalhou como pedagogo. Após a aposentadoria, em 1974, veio para a Colônia Entre Rios, onde trabalhou no colégio Imperatriz Dona Leopoldina, além de realizar entrevistas com imigrantes da colônia. Lichtenberger faleceu em 12 de janeiro de 2005, na Alemanha, aos 95 anos de idade. In: *Zeitschrift Deutsches Wort (Njmacka Rijec)*. Blatt der Deutschen und Österreicher in Kroatien. Nr.56, Osijek, Juni, 2005. s.35; *Der Donauschwabe Mitteilungen*. Nr.2, Eggenstein-Leopoldshafen: Februar, 2005. s.19. Josef Gappamier é geógrafo austríaco. No final da década de

A existência de tais informações chama-nos a atenção para o papel do editor na publicação.⁵ Portanto, o texto publicado não é exatamente o relato oral. Embora haja a tentativa de, por meio da transcrição em dialeto, por exemplo, reproduzir fielmente as falas dos entrevistados, elas já não são mais as “mesmas”. O material que é dado a ler passou por processos que incluem a transcrição, a ordenação das frases, a diminuição de trechos, a escolha da parte da entrevista a ser publicada e, principalmente, informa a interpretação, o sentido que o leitor deve extrair delas.

Isso pode ser percebido de forma clara na introdução da publicação do primeiro relato, redigida por Oswald Hartmann, editor das três primeiras entrevistas. Ele justifica a publicação ao afirmar que se trata de uma (...) *contribuição para a documentação sobre a expulsão, que foi a difícil provação de nossa etnia e ao mesmo tempo queremos demonstrar nossa solidariedade com todos os suábios do Danúbio dispersos pelo mundo.*⁶

Para os propósitos deste texto, selecionamos os 9 relatos que melhor exemplificam a elaboração dessa memória coletiva suábia-danubiana na Colônia Entre Rios. A primeira entrevista publicada é a de Thomas Schwarz, filho de agricultores, nascido em Putinci, Iugoslávia, em 1927. O relato inicia com a menção do local e data de nascimento e o número de membros da família, composta por ele, seus pais, uma moça e cinco garotos. Em seguida, Schwarz relata rapidamente sobre sua instrução escolar em Putinci. Neste momento, quando Schwarz destaca que seu primeiro professor era (...) *um croata que falava muito bem a língua alemã (...)*,⁷ há uma reafirmação da língua como fator de identificação.

Em seguida, Schwarz descreve a fuga de sua terra natal, no outono de 1944. De acordo com ele, primeiro as mulheres e crianças foram levadas para a Áustria por meio de trens, enquanto os homens seguiram em carroças puxadas por cavalos. A viagem foi dramática. Um dos episódios marcantes foi quando (...) *durante a fuga houve um ataque aéreo e meu pai caiu sob a carroça e quebrou cinco costelas.*⁸ Com a aproximação das tropas russas, eles se deslocaram para a região austríaca de *Oberösterreich*, ocupada pelas forças americanas. Lá, Schwarz permaneceu junto ao restante da família até 1951, quando emigraram para o Brasil.

Acerca da migração, Schwarz relata que seu pai conheceu o Michel Moor na Áustria e, dessa maneira, ficou sabendo do projeto de emigração para o Brasil. Segundo ele, (...) *na verdade, eu não queria emigrar, mas por amor aos meus pais e irmãos resolvi vir para o Brasil (...)*.⁹ Os Schwarz estavam entre os migrantes que vieram no primeiro transporte¹⁰ que chegou a Guarapuava no dia 8 de junho. De acordo com ele, a primeira tarefa na colônia foi a contagem das árvores que seriam utilizadas na construção de barracas e casas.

Em seguida, Schwarz relata que, para a colônia, logo foram trazidos alguns tratores, sendo que alguns homens trabalharam na preparação da terra e outros na construção das barracas. Ao ficarem prontas, foram trazidas as mulheres e crianças que estavam alojadas em Guarapuava. Nesta fase, (...) *a vida tornou-se um pouco diferente na colônia, pois nós estávamos agora todos juntos e não passou uma noite sem que houvesse cantorias e danças.*¹¹

Schwarz descreve também os esforços para a rápida construção das casas, a fim de abrigar os outros grupos que estavam chegando.

(...) Sempre mais transportes vieram e assim sempre mais pessoas, mas a maioria do trabalho, o trabalho pesado, carregar as vigas e tabuas na serraria, tudo isso as mulheres faziam. Quando eu lembro disso, do que nossas mulheres realizaram, então eu posso dizer somente uma coisa: ‘tiro meu chapéu para nossas moças e mulheres, que ajudaram nossos homens e assim as casas ficaram prontas’.¹²

Ao final da entrevista, Oswald Hartmann comenta que em função da falta de espaço no jornal, o relato de Thomas Schwarz foi encurtado um pouco:

1970 e durante os anos 80, trabalhou na colônia como professor da Escola Dona Leopoldina e coletou material para sua dissertação de mestrado em Geografia. Para mais informações, ver: GAPPMAIER, Josef. *Entre Rios. Agrargeographie der Donauschwabensiedlung in Paraná - Brasilien*. Salzburg: (Dissertation) zur Erlangung des Doktorgrades an der naturwissenschaftlichen Fakultät der Universität Salzburg. 1987.

⁴ De acordo com Maria Dolores Schneiders e Monika Klein, funcionárias do Museu Histórico Entre Rios, optou-se por transcrever as mesmas conforme a sonoridade. SCHNEIDERS, Maria Dolores e KLEIN, Monika. *Entrevista concedida a Marcos Nestor Stein*. Vitória: 12 de junho de 2007. A. A. Nas traduções dos relatos publicados em dialeto suábico, contei com a valiosa ajuda de Karin Detlinger, Monika Klein e, principalmente, de Clarice e Cássia Siegler.

⁵ Para mais informações sobre o papel do editor, ver: CHARTIER, Roger. *Os Desafios da Escrita*. São Paulo: UNESP, 2002. p. 62-76.

⁶ *Jornal de Entre Rios*. Guarapuava: 26 de fevereiro de 1994. p. D1.

⁷ *Ibidem*.

⁸ *Ibidem*.

⁹ *Ibidem*.

¹⁰ Quase a totalidade dos suábios chegou ao Brasil entre os anos de 1951 e 1952, em sete transportes. SPIESS, Rosina; SPIESS, Cristina; SPIESS, Walter. *Ortsippenbuch Entre Rios im Staat Paraná im Süden Brasiliens*. Personen, Namen, Daten-Geburten, Heiraten, Sterbfälle mit einer Liste der Frauen, einer Liste der Wohnorte und sieben Karten. Rastatt (Alemanha): Edição dos autores. 1998.

¹¹ *Ibidem*. p. D 2.

¹² *Ibidem*.

Apesar disso, pode-se visualizar nele o orgulho do grandioso trabalho de construção depois da expulsão – o qual é típico de todos os suábios do Danúbio. A maciça e brutal expropriação e a privação de direitos que se abateram sobre os suábios do Danúbio na seqüência da Segunda Guerra Mundial não desanimou este povo. Ao contrário! Tem-se as mangas arregaçadas e novamente realizado um notável trabalho pioneiro.¹³

Apesar do texto do editor, a entrevista não deixa transparecer claramente a expropriação dos suábios nem os horrores da guerra. A maior parte da entrevista se atém na construção da colônia e a ênfase no trabalho realizado pelas mulheres. Ao utilizar o termo *típico*, o editor procura mostrar que o trabalho realizado para a construção da colônia deve ser entendido como algo inerente à personalidade coletiva dos suábios. Neste sentido, a última frase é carregada de significado, pois estabelece um paralelo entre dois passados. O primeiro referente à época quando os ascendentes dos suábios ocuparam a região do médio Danúbio (a partir do século XVIII) e o segundo quando da formação da colônia (1951).

Um pouco mais extensa e detalhada é a transcrição da entrevista do segundo depoente: Franz Hering. Na introdução, destaca-se a frase *E de nenhum lugar veio ajuda!*¹⁴ Na seqüência, há o seguinte comentário de Oswald Hartmann:

Hoje em nossa série “Um povo luta pelo seu futuro”, deixamos nosso compatriota Franz Hering relatar sobre seu destino durante e depois da Segunda Guerra Mundial. Também seu relato é um documento que também prova como foi difícil para os expulsos suábios do Danúbio encontrar um novo lar.¹⁵

Hering nasceu em 17 de dezembro de 1910 em Batscka, Iugoslávia. Ele conta que se casou em 1929, mas não menciona do nome da mulher, apenas o local e data de seu nascimento. Nesta rápida descrição, em um pequeno parágrafo, Hering cita o nome dos dois filhos, Wendel e Josef, e as datas das mortes de seu pai e de seu avô, em 1914 e 1916, respectivamente.¹⁶

Em seu relato, a guerra começou em 1941, com a chegada do exército alemão. Em 1942, ele, juntamente com outros homens descendentes de alemães, foi convocado para se juntar às tropas alemãs.¹⁷

Em Batscka nós fomos inspecionados e no outono começamos servir na Waffen SS. Primeiro fomos para Viena, depois para Praga e finalmente para Pottenstein, parte da suíça francesa, fronteira com a Alemanha. Eu fora preparado (...) para lutar contra os guerrilheiros.¹⁸

Ele lutou na Itália, onde foi ferido durante um bombardeio aéreo. Permaneceu no país até o final da guerra, sendo depois enviado para a Inglaterra, onde trabalhou numa fábrica de mármore até 1947, quando foi para a Áustria, onde trabalhou em uma propriedade agrícola. Neste período, acionou a Cruz Vermelha para procurar a esposa e filhos.¹⁹

Sua esposa havia sido enviada para a União Soviética, onde permaneceu três anos trabalhando em minas de carvão. Seus filhos eram prisioneiros em campos de trabalho na Iugoslávia. Por intermédio da Cruz Vermelha, em 1948, ela foi enviada à Áustria, onde se reencontraram. Seus filhos foram levados para a Áustria em 1951.²⁰

Na Áustria, Hering trabalhou para um agricultor em uma propriedade que havia sido alugada por Moor e, por meio deste, ficou sabendo do projeto de emigração para Entre Rios. Após convite de Moor, veio juntamente com sua família para a colônia Entre Rios. Sobre a decisão de emigrar, semelhante ao relato de Schwarz, Hering afirma que pessoalmente também não estava muito disposto a sair da Áustria. (...) *Eu queria ficar lá, mas as crianças tinham medo, pois já haviam passado por muita coisa.*²¹

Em seguida, Hering menciona que sua esposa, em decorrência do trabalho em minas de carvão, ficou doente dos pulmões. Em 1956, ela foi operada em

¹³ *Jornal de Entre Rios*. Guarapuava: 26 de fevereiro 1994. p. D 2.

¹⁴ *Jornal de Entre Rios*. Guarapuava: 05 de março 1994. p. D1.

¹⁵ *Ibidem*.

¹⁶ *Ibidem*.

¹⁷ *Ibidem*.

¹⁸ *Ibidem*.

¹⁹ *Ibidem*.

²⁰ *Ibidem*.

²¹ *Ibidem*. p. D 2.

Curitiba. (...) *Ao todo isso custou 87.000 cruzeiros. Sabe o que essa quantia significava naquela época? Meus bens valiam 137.000. Eu quase caí de costas. Precisei vender terras. E de nenhum lugar veio ajuda!*²² A expressão indica também o fazer-se por si só. Nela, Hering valoriza seu trabalho e indica sua situação de vencedor na nova pátria.

Ao final, Hering relata que sua esposa faleceu em 1983. Seus filhos foram viver na Alemanha, assim como as duas irmãs de sua mulher. Ele conclui o relato afirmando que em função de seu sogro e sogra terem sido mortos (ela por espancamento) pelos guerrilheiros comunistas (*Partisanen*), as filhas receberam uma indenização de guerra, que foi repartida em três partes, sendo que a parte de sua esposa foi depositada num banco. No entanto, ela perdeu o prazo de retirada dos valores.²³

A terceira entrevista é a de Franz Remlinger. Nascido em 21 de setembro de 1924 na Slawonia, Iugoslávia, freqüentou durante meio ano uma escola croata e cinco anos uma escola alemã. Em Esseg, cidade vizinha, ele freqüentou durante um ano o Gymnasium. (...) *Então nós fomos mandados embora, porque éramos suábios. Mas se a gente pagasse poderia ter ficado (...).*²⁴

Quando da ocupação alemã, Remlinger tornou-se chefe de um grupo de jovens (*Jugendführer*), sendo enviado para várias localidades na Iugoslávia. Sua função era dar assistência aos desabrigados que se dirigiam por meio de trens em direção à Alemanha.²⁵

Em 1942, ingressou nas tropas alemãs, sendo ferido em 1945, em território húngaro. Com o avanço das tropas russas, refugiou-se na Alemanha, onde foi aprisionado pelas tropas americanas. Neste ponto, o relato alonga-se na situação de prisioneiros. Segundo ele, os americanos (...) *logo nos tomaram tudo e nos deixaram somente uma tenda.*²⁶ Com a recusa do governo iugoslavo para que retornassem a sua terra natal, eles foram enviados para Nürnberg, para a (...) *desnazificação, pois seríamos nazistas, só que nós não sabíamos disto antes.*²⁷ Nesta afirmação, há o esforço em não se identificar com este regime, pois não teriam aderido a essa ideologia. A identificação do depoente e de seus companheiros com o referido regime é feita pelos outros – os americanos.

Em 1948 ele foi libertado. Com muitas dificuldades entrou na Áustria onde reencontrou os pais. Casou-se no mesmo ano e em 1953 emigrou para o Brasil. Sobre isso, Remlinger afirma que sua família estava inscrita para ir para a França, mas acabaram optando por vir para o Brasil.²⁸

Sobre os primeiros anos na colônia Entre Rios, há apenas um pequeno parágrafo. Remlinger comenta que o começo em Entre Rios foi difícil, pois as crianças eram pequenas e pelo fato de o trabalho ser realizado com a utilização de cavalos. Mas, (...) *Hoje em dia sinto-me bem aqui.*²⁹

Ao final há o seguinte texto do editor, Oswald Hartmann:

O relato de Franz Remlinger demonstra claramente o esforço dos suábios do Danúbio para encontrar um novo lar. Naquele tempo se tinha muitas possibilidades, por exemplo, ficar na Alemanha, na Áustria ou imigrar para os Estados Unidos, Canadá, França, entre outros. A decisão para a família frequentemente era insignificante.

Independente disso, o supracitado relato confirma que os suábios do Danúbio – indiferente onde eles buscaram um novo lar - por meio de sua proverbial aplicação, conseguiram relegar aos seus descendentes uma sólida e segura existência. Eu gostaria de mostrar claramente à juventude suábia atual, que eles podem ser orgulhosos de seus pais e avós.³⁰

Pode-se perceber no texto do editor, além da escolha dos fragmentos dos depoimentos, também uma interpretação do passado. Não há a menção acerca do fato do depoente ter lutado no lado derrotado da guerra, de ele ter sido soldado do exército alemão, derrotado no conflito. O foco é deslocado para a identificação positiva dos personagens envolvidos. O campo de luta não está no campo de batalha, na guerra, mas no campo de cultivo, na lavoura. Nesta perspectiva, o

²² Ibidem.

²³ Ibidem.

²⁴ Ibidem.

²⁵ Ibidem.

²⁶ Ibidem.

²⁷ Ibidem.

²⁸ Ibidem. p. D 2.

²⁹ Ibidem.

³⁰ *Jornal de Entre Rios*. Guarapuava: 12 de março de 1994. p. D 2.

depoente também seria um vencedor, pois conseguira no Brasil recriar seu antigo modo de vida como agricultor, e isso se deu em função de sua característica positiva: “a proverbial aplicação”, adjetivo que também é usado para identificá-los como grupo.

Portanto, o sentido aqui é redefinir ou dar um sentido histórico positivo a essas pessoas. É por meio da constituição de uma memória coletiva que se busca reestruturar o sentido histórico da comunidade e conferir-lhes uma identidade. E esse trabalho envolve interpretar, inclusive, a menção da indiferença quanto ao lugar para onde iriam emigrar, que é tratado como algo de valor secundário.

Ao afirmar que os jovens devem ter orgulho de seus pais e avós, Hartmann indica os destinatários principais da publicação: os jovens da colônia. Para o editor, há a percepção de que tal geração demonstrava certo desinteresse pelo passado e pela manutenção de aspectos culturais dos imigrantes. Portanto, a luta pelo futuro é também a luta para a manutenção nas novas gerações da identidade suábica, sendo que o editor se incumbiu de extrair as lições das experiências dos expulsos e dirigi-las aos jovens, pois os depoimentos não são auto-explicáveis, seu sentido (positivo e exemplificador) é dado pelo editor.

A próxima entrevista publicada é a de Katharina Hech. A entrevista é extensa, ocupou duas edições do jornal, e narra de forma mais clara as atrocidades cometidas pelos guerrilheiros comunistas (*Partisanen*) contra pessoas de origem alemã residentes na Iugoslávia. A frase inicial tem um tom de desabafo e de revelação: *quero somente contar a vocês o que aconteceu quando os russos chegaram: O dia primeiro de outubro (1944) foi o dia mais negro para nossa aldeia e nossa família.*³¹

Segundo ela, dois dias antes da data marcada para sua fuga, soldados russos chegaram à vila. Hech compara estes com os *Partisanen* e avalia que os russos não eram tão “ruins” (*schlimm*) como os guerrilheiros, pois estes, durante noites seguidas, aprisionavam e fuzilavam centenas de homens. (...) *De nossa família um tio foi fuzilado. Os habitantes da vila viviam com medo, pois cada noite alguém era levado, homens, mulheres e jovens rapazes, para serem fuzilados.*³²

Além de relatar acontecimentos vividos por ela, Katharina narra um episódio contado a ela.

(...) Em nossa vila vizinha Neusin, os partisans fizeram uma festa. Aprisionaram vinte homens de origem alemã de Sartscha, Setscham e Neusin. O ponto alto da festa foi quando os vinte homens foram espancados até a morte e cortados em pedaços, que foram colocados no meio do salão, e eles (*Partisanen*) dançaram em volta. Mais tarde nós ouvimos alguém dizer, e era uma testemunha, que nem mesmo com muita água se conseguia lavar o salão, de tanto sangue que havia. Em nossa vila foi registrado um triste saldo. Um quarto dos habitantes perdeu a vida. Das duas mil e cinqüenta pessoas que moravam em nossa vila, 531 perderam a vida: parte como soldado no front, homens, mulheres e crianças nos campos de extermínio de Molidorf, Rudolfsgnad, onde foram mortos por espancamento, envenenados, por esgotamento, ou de fome. Em nossa vila foram aprisionadas 113 pessoas que foram enviadas para a Rússia, sendo que doze morreram lá.³³

Hech, no início de 1945, foi uma das pessoas enviadas para a Rússia. Inicialmente ela permaneceu confinada em campos de trabalhos forçados, trabalhando no corte de lenha, sendo depois deslocada para trabalhar em uma fábrica de aço e em seguida numa indústria de cimento. Além do sofrimento, com o frio e a pesada jornada de trabalho,³⁴ ela relata que (...) *eles (os russos) sempre faziam palestras políticas afirmando o quanto foi bom que os russos nos levaram. Os alemães fizeram muito mais com os russos. Eles (russos) eram tão bons etc. E isso eu logo vi, como eram bons (...).*³⁵ Essa lembrança é reiterada em um outro momento da narrativa (...) *Eles freqüentemente nos falavam que os alemães eram porcos, que nós estávamos bem com eles (russos). De um lado eles tinham dó de nós, de outro tinham tanto ódio que nos cuspiam.*³⁶

³¹ *Jornal de Entre Rios*. Guarapuava: 19 de março de 1994. p. D 1.

³² *Ibidem*.

³³ *Ibidem*.

³⁴ Ela narra que suas mãos congelavam. Devido ao trabalho com o machado, a carne e os ossos das mãos ficavam expostos. *Ibidem*. p. D1 e D2.

³⁵ *Jornal de Entre Rios*. Guarapuava: 26 de março de 1994. p. D1.

³⁶ *Ibidem*. p. D 2.

No início de 1947, uma comissão formada por russos e oficiais alemães, em uma palestra, disseram que eles deveriam permanecer na Rússia, pois (...) *lá era nosso futuro. Alemanha havia perdido a guerra e a Iugoslávia estava totalmente aniquilada. Eu não acreditei em nada.*³⁷ Em 1948, a comissão os visitou novamente e por causa de seu estado de saúde, ela foi enviada para Berlim e depois permaneceu trabalhando em uma propriedade rural próxima a Leipzig. Ao final da transcrição, o editor, H. Sattler, informa que por meio de correspondências que ela enviou para a sua terra natal, na Iugoslávia, ficou sabendo que sua família encontrava-se na Áustria e, então, foi se juntar a eles.

O editor afirma que qualquer filme que fosse rodado sobre o destino dessas pessoas não haveria de concordar com a sua norma: *Perdoar sim, esquecer jamais.*³⁸ Semelhante ao texto do editor da entrevista anterior, esta frase indica o ensinamento que se pode extrair do depoimento: o dever do não-esquecimento. Portanto, trata-se da tentativa de, por meio da manutenção dessa memória, transformar uma vítima individual em representante das vítimas suábias danubianas. O singular torna-se coletivo, pois o passado individual é transposto para o plano geral, no qual todos os membros do grupo poderiam se identificar.

A próxima entrevista é a de Katharina Spieler, nascida em 1900, em Sotin, Iugoslávia. Após apresentar seus dados pessoais, informa que seu marido morreu em 1932 e seu filho tombou como soldado em 1944, na Polônia.³⁹ Antes de narrar a fuga, Spieler indica e adjetiva a sua vida antes da fuga: (...) *Lá nós éramos camponeses. Para nós a vida era boa até a fuga.*⁴⁰

Em 1944, ela acolheu dois fugitivos dos *Partisaner*, Katharina Schönferl e seu filho, e depois um casal oriundo da Croácia, que a auxiliaram no trabalho da propriedade até quando receberam o alerta para fugir. Juntamente com outras pessoas de origem alemã, ela e sua nora fugiram em uma caravana de carroças. A narrativa é cheia de exemplos dos perigos representados pelos *Partisanen* e, após muitas peripécias, conseguiram chegar à Áustria.⁴¹

Ao saber do projeto de migração para o Brasil, Spieler inscreveu-se, enquanto que sua nora permaneceu na Áustria com os pais. De acordo com a editora Magdalena Remlinger, *esta separação foi um duro golpe para ambas, as quais estão ligadas por um destino comum.*⁴² O termo *destino*, como nos mostra Hubert Lepargneur, não é algo fruto de um planejamento racional e nem realmente conhecido antes, ou durante o ocorrido, seu sentido é dado *a posteriori*.⁴³ No caso da afirmação de Remlinger, o destino (*Schicksal*), ao ser dado *a posteriori*, inclusive após a narrativa, possui a função de servir como instrumento de ligação entre as duas mulheres e também entre os membros do grupo, pois todos partilhariam do mesmo sentido histórico.

A entrevista seguinte é a de Theresia Tettmann, nascida em 1922, na parte oeste da Slawonia - antiga Iugoslávia. O relato tem início da seguinte maneira:

Quando começou a guerra, meu pai foi convocado, meu irmão também e então eu e minha mãe ficamos sozinhas, todo o trabalho tínhamos que fazer sozinhas. Havia cavalos, vacas e porcos e tínhamos que cuidá-los sozinhas, pois havia poucas pessoas. Eu tinha sempre esperança que meu pai fosse dispensado (do serviço militar) e ele voltou para casa. Quanto ao meu irmão, que estava na Rússia, eu não tinha idéia se ele voltaria.⁴⁴

No início de 1943, em função dos ataques dos *Partisanen*, assim como pessoas oriundas de outras aldeias, eles foram obrigados a se refugiar em cidades maiores, protegidas por militares alemães. Ao final de 1943, obrigaram-se a gradativamente mudar de cidades na medida em que estas não ofereciam mais proteção. Por fim, por meio de trens foram para a Áustria.⁴⁵

Ao final, Magdalena Remlinger, com base no livro intitulado *Calvário dos Alemães na Iugoslávia Comunista (Leidensweg der Deutschen im kommunistischen Jugoslawien)*,⁴⁶ narra de forma resumida a evacuação, realizada em cinco grupos das cidades de Franztal e Semlin, local onde Tettman residia. Remlinger destaca

³⁷ Ibidem.

³⁸ Ibidem.

³⁹ *Jornal de Entre Rios*. Guarapuava: 02 de abril de 1994. p. D 1.

⁴⁰ Ibidem.

⁴¹ *Jornal de Entre Rios*. Guarapuava: 09 de abril de 1994. p. D 1.

⁴² Ibidem. p. D 2.

⁴³ LEPARGNEUR, Hubert. *Destino e Identidade*. Campinas: Papirus, 1989. p.16.

⁴⁴ *Jornal de Entre Rios*. Guarapuava: 23 de abril de 1994. p. D 1.

⁴⁵ Ibidem.

⁴⁶ ARBEITSKREIS DOKUMENTATION IN DER DONAUSCHWÄBISCHEN KULTURSTIFUNG, MÜNCHEN, UND IM BUNDESVERBAND DER LANDSMANNSCHAFT DER DONAUSCHWÄBEN. *Leidensweg der Deutschen im kommunistischen Jugoslawien*. Band II. München: Verlag der Donauschwäbischen Kulturstiftung. 1993.

que com a chegada dos *Partisanen* em Franztal, as pessoas que lá permaneceram tiveram que se registrar. (...) *Eram 242 pessoas. Os alemães que restavam em Franztal e Semlin foram internados em 18 de novembro de 1944 no campo de extermínio "Kalvarienberg", onde 118 Franztaler morreram. Em outro campo Mitrowitz, 75 Franztaler pereceram.*⁴⁷

Por meio do relato de Remlinger, pode-se inferir que há a junção entre memória do depoente e o registro escrito, representado pelo livro supracitado, que reforça a entrevista transcrita. O termo no título do livro (*Leidensweg*) e o uso do nome do campo de extermínio *Monte Calvário (Kalvarienberg)* produzem um sentido que associa os suábios a um sacrifício coletivo e evocam imagens relacionadas ao martírio de Cristo pela humanidade.

A entrevista seguinte, de Juliane Kleinfelder, segue um procedimento semelhante ao anterior. A transcrição é precedida pelo seguinte texto da editora, Magdalena Remlinger:

O desenrolar dos acontecimentos políticos e militares implicaram que, em 1944, nas regiões de colônias suábias, planos e ações de desocupação das mesmas numa evacuação em massa e movimentos de fuga. Então, antes da aproximação do front da Iugoslávia, no outono de 1944, uma parte dos alemães-croatas foi evacuada. Até o final de abril de 1944 foram transportados cerca de 25.000 alemães de quase 30 comunidades da Slawonia Ocidental para a Sirmien e nos arredores de Esseg. Entre eles encontravam-se também famílias que após 1951 encontraram em Entre Rios um novo lar (...).⁴⁸

No fragmento, não há a identificação do grupo como suábios do Danúbio (*Donauschwaben*), mas como alemães-croatas (*Kroatiendeutschen*). Em seguida, cita alguns exemplos de famílias que imigraram para o Brasil. Portanto, representa a memória que pode ser compartilhada pelos membros dessas famílias que vivem na colônia.

Na época da fuga, Kleinfelder contava com 16 anos de idade. De acordo com ela, os *Partisanen* chegaram e raptavam jovens com idade entre 14 a 15 anos, que eram levados para a floresta onde eram submetidos a trabalhos forçados, sendo que (...) *muitos nunca mais retornaram.*⁴⁹ Com a mãe e o pai, ela seguiu para a Áustria, onde foram trabalhar em propriedades rurais. Sua irmã mais nova, juntamente com a cunhada e a filha desta, seguiu de trem até a Alemanha. Por meio da Cruz Vermelha, elas foram enviadas para a Áustria, próxima a cidade de Linz, onde se reencontraram. Da mesma forma que a entrevista anterior, há também a apresentação, por meio de um mapa, do caminho percorrido por ela até a Áustria.

Em agosto, o *Jornal de Entre Rios* foi substituído pela revista *Entre Rios*, que continuou com a publicação da série. A primeira entrevista é a de Katharina Stieger, oriunda de Lowas, Croácia. O texto que precede a transcrição, redigido por Magdalena Remlinger, informa que, durante o ano de 1944, a luta nos Bálcãs rapidamente estava se aproximando do fim. Em função disso, as lideranças alemãs (*Volksgruppenführung*) de cidades da Croácia, com a evacuação das comunidades, conseguiram salvar sua população suábia do extermínio (*Vernichtung*), o que não ocorreu em outras regiões dos Bálcãs.⁵⁰

Remlinger informa que o pai de Katharina era o líder do grupo local (*Ortsgruppenleiter*), para quem coube a responsabilidade de organizar a fuga. No dia 10 de outubro de 1944, ele reuniu parte da comunidade e convocou todos para partir, o que ocorreu no dia seguinte. A viagem foi realizada com carroças, sendo que puderam levar apenas mantimentos, roupas de cama e alimentos para os cavalos. De acordo com ela, (...) *então começou um nervoso e muito difícil tempo. Fazer as malas, o incerto futuro e a despedida da pátria, da casa e dos vizinhos. Muitas lágrimas já estavam sendo derramadas, antes de deixarem a pátria, mas correram muitas mais.*⁵¹

Na primeira frase de seu relato, Stieger informa que tinham uma relação de entendimento, sem brigas com os croatas, mas, com a aproximação do exército

⁴⁷ Ibidem. p. D 2.

⁴⁸ *Jornal de Entre Rios*. Guarapuava: 30 de abril de 1994. p. D 1.

⁴⁹ Ibidem.

⁵⁰ Revista *Entre Rios*. Guarapuava: agosto de 1994. p.26. Remlinger informa também que de Lowas vieram mais de 30 famílias para Entre Rios, sendo que grande parte delas se fixou em Vitória.

⁵¹ Ibidem.

russo, os militares alemães deram a ordem para que seu pai organizasse a evacuação da população. Em seguida, o relato apresenta alguns fatos que antecederam a fuga: as discussões entre seu pai e alguns moradores que teimavam em permanecer, os ataques dos *Partisanen*, o fato de seu marido estar servindo no exército e a chegada de fugitivos de outras cidades, que ficaram lá alojados. Deles, ela comenta, souberam das atrocidades cometidas pelos *Partisans*, como enforcamentos e a queima de pessoas.⁵²

Tais pessoas juntaram-se aos habitantes de Lowas e seguiram em direção à Áustria, guiadas por um croata. (...) *Então todos os sinos soaram e nós choramos e partimos. E assim nós viajamos durante um mês.*⁵³ Stieger narra então as dificuldades da viagem, principalmente em território húngaro, como a quebra da carroça e a neve, além dos perigos representados pelos ataques aéreos. Ao chegarem ao destino, a cidade de Braunau, Áustria, foram distribuídos entre as famílias do local.⁵⁴

Em novembro, foi publicada a entrevista que encerra a série *Um Povo Luta pelo seu Futuro*. Trata-se do relato⁵⁵ de Mathias Leh Sênior, pai de Mathias Leh, ex-presidente da Agrária, a cooperativa da colônia Entre Rios. A escolha dessa entrevista para concluir a série é também uma forma de preencher uma importante lacuna na constituição desta memória coletiva: a ausência da entrevista do ex-presidente da Agrária, que faleceu naquele ano.⁵⁶

A introdução, redigida por Magdalena Remlinger, é a seguinte:

O ano de 1994, quando os suábios lembram os 50 anos da expulsão de sua pátria (lar), está lentamente chegando ao fim. Em Entre Rios, como em outras partes do mundo, onde os suábios do Danúbio novamente encontraram um lar, rememoramos este tempo. Nós, no transcorrer deste ano, também publicamos relatos de experiência de vida que testemunham este tempo (...). Esta não é uma parte da história somente destas pessoas, mas também, e especialmente, das comunidades das quais eles descendem e que agora está literalmente assegurada e à disposição dos nossos descendentes. Queremos em especial, neste relato, com o qual nós terminamos esta série, recordar de Mathias Leh Jr., o qual, enquanto pode estar entre nós, impulsionou e apoiou este trabalho.⁵⁷

Há aqui, em semelhança aos demais relatos, o deslocamento, ou a transformação de memória individual em uma memória coletiva. De acordo com Portelli, a memória individual, materializada na fala individual (...) *só se torna memória coletiva quando é abstraída e separada da individual* (...).⁵⁸ É também uma forma de pressão exercida pela memória coletiva sobre a individual dos demais habitantes suábios da colônia. Em outros termos, trata-se de um exemplo claro de enquadramento de memória feito pelo jornal. A memória de um indivíduo, embora, como nos ensina Halbwachs,⁵⁹ é constituída socialmente, deve ser vista como representante de toda a coletividade, como uma referência de identificação.

Vejamos, então, o último relato da série: Leh nasceu em 1903, em Tomaschanzi, Iugoslávia. Em 1941, foi convocado para servir na cavalaria do exército iugoslavo. Na cidade de Sarwasch, aceitou a tarefa de chefiar uma milícia (*Ortsschutz*) encarregada de proteger as aldeias dos ataques dos *Partisanen*. Em 1943, pouco tempo antes do Natal, os *Partisanen* atacaram Tomaschanzi, Leh, assim como a maioria dos habitantes do local, foi para uma cidade vizinha e depois, em carroças, cruzaram a Hungria e seguiram para a Áustria, onde permaneceram até a vinda para o Brasil.

Um aspecto do relato que chama a atenção refere-se à possibilidade de retornar para sua terra natal:

Eu não tinha esperança que pudesse novamente retornar, mas minha mulher ainda tinha. Quando nós estávamos saindo da aldeia, meio quilômetro distante dela, então eu disse: mãe, dê uma última olhada para Tomaschanzi, pois eu acho que você nunca mais voltará a vê-la.⁶⁰

⁵² Ibidem. p.27.

⁵³ Ibidem.

⁵⁴ Ibidem.

⁵⁵ Revista *Entre Rios*. Guarapuava: novembro de 1994.

⁵⁶ Josef Gappmaier lamentou o fato de não ter realizado a entrevista com Mathias Leh: (...) *Ele sempre dizia que quando se aposentasse iria se sentar durante uma semana em sua fazenda e nos iríamos falar do assunto. Devido a sua morte repentina isso não aconteceu. Foi uma pena!* GAPPMAIER, Josef. *Entrevista concedida a Marcos Nestor Stein*. Vitória, 10 de agosto de 2005. A.A. Transcrição e tradução: Márcio Werle.

⁵⁷ Ibidem.

⁵⁸ PORTELLI, Alessandro, O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de (orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. p. 127.

⁵⁹ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

⁶⁰ Revista *Entre Rios Op. cit.* p. 11.

Tal afirmação indica que a expulsão do seu antigo lar é interpretada como algo sem retorno. A história não possibilita o retorno. O ato de olhar pela última vez para a cidade pode significar uma tentativa de reter na memória determinada imagem do passado, simbolizada pela cidade natal.

O título da série *Um Povo Luta pelo seu Futuro* indica também que não se trata somente de serem preservadas determinadas narrativas sobre o passado, não é somente tornar o passado presente, sobretudo por meio de relatos de experiências de vida destas pessoas durante e após a Segunda Guerra Mundial. Mas, também, trata-se de uma luta em prol do futuro da identidade suábica. Ou seja, como afirma Helenice Rodrigues da Silva, com base na obra de Paul Ricoeur, trata-se sempre da (...) *memória de alguém que faz projetos e que visa ao devir*.⁶¹

Portanto, a publicação sinaliza também as perspectivas de futuro de integrantes do grupo, especialmente dos editores do periódico. As entrevistas não foram publicadas somente em função do passado, mas sim adaptadas às necessidades do presente (1994) e as projeções de futuro, ou para tomarmos emprestadas as palavras do historiador alemão Reinhart Koselleck, é a tentativa, a partir do presente, de apreender o passado-experiência e o futuro-expectativa como algo dotado de um sentido.⁶² Se a idéia de Lichtenberger, apoiada por Leh, era preservar as memórias dos imigrantes em fitas magnéticas para que estas não se perdessem com a morte dos entrevistados, a publicação destas no jornal vai além: ela tem um sentido pedagógico, de induzir condutas, homogeneizar o passado, enquadrar as memórias individuais e assim ancorar a identidade suábica-danubiana da colônia Entre Rios.

Artigo recebido em 30/09/2008 e aprovado em 12/12/2008.

⁶¹ SILVA, Helenice Rodrigues da. "Rememoração"/Comemoração: as utilizações sociais da memória. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: vol.22, nº 44. 2002. p. 429.

⁶² KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio. 2006.